

Paris -1^{er} Décembre 2017

La mort de Henri nous touche. Elle signe l'épaisseur d'une vie.

J'ai fait la connaissance de Henri en 1973. Il travaillait alors à la DDASS d'Annecy, chargé de relever les infractions à l'habitat des migrants.

C'est Jean Raguénès, PO chez Lip et grand ami de Henri, qui m'avait recommandé à lui. Plusieurs membres de ma famille étaient impliqués dans le conflit.

Rendu à la DDASS d'Annecy, dès que j'eus prononcé le nom de Jean, le visage de Henri s'est illuminé et dans une posture qui lui était si familière, il a levé les bras en signe d'accueil. J'étais adoubé. A sa pressante invite, et Henri savait être pressant, je suis rentré au Comité Vérité Justice (CVJ) d'Annecy comme aspiré, aimanté par son magnétisme et son charisme. Le CVJ s'était créé 6 mois plus tôt, pour dénoncer la mort scandaleuse d'un clochard, déporté et abandonné en montagne dans la neige par la police et retrouvé mort de froid.

J'ai vite éprouvé une immense sympathie pour cet homme qui semblait posséder tous les talents. Pourvu d'une immense aisance naturelle, bon vivant, il n'y avait pourtant aucune futilité dans sa vie. Il allait droit à l'essentiel : jamais rien de banal dans son discours. Henri était toujours remarquablement informé. Ses préoccupations avaient toujours à voir avec l'injustice. « *Je ne supporte pas l'injustice* » répétait-il à l'envi.

Henri habitait dans un meublé au confort spartiate dépourvu de commodités. L'exiguïté de son logement ne l'empêchait pas d'héberger ponctuellement un clochard lubrique et alcoolique, Loulou, témoin principal dans l'affaire des clochards d'Annecy. Henri admirait la liberté de cet homme si attachant. J'étais impressionné par l'hospitalité de Henri, qui supportait sans broncher l'odeur de sueur, de rue, de souffrance et de misère de Loulou. Il riait plutôt des turpitudes de son ami, qui chapardait aux étalages. Un jour Loulou a mis le feu aux rideaux de Henri.

Henri était sensible au sort fait par la société aux exclus, aux plus fragiles d'entre nous : migrants, gitans, gens du voyage, marginaux de tout poil... Dans une lettre de 1972 adressée à ses parents il écrit :

« Je me suis déjà fait cambrioler deux fois par des voisins marginaux qui sont mes amis par ailleurs. Ce n'est pas grave. Et de toute façon, ils n'ont presque rien pour vivre si bien que ce n'est pas du tout du vol, mais une sorte de rétablissement de justice »

Force paisible, d'une intransigeance tranquille, il fustigeait l'impéritie et toute vilénie.

Travailleur infatigable, il m'a appris à tout vérifier, à ne rien affirmer qui ne soit dûment vérifié, que **la Vérité est aussi un socle sans égal sur lequel s'appuyer**. Henri ne laissait rien passer, rien ! D'une ténacité implacable, il avait une foi à soulever les montagnes. Et parfois, face à des causes qui paraissaient désespérées, il les soulevait réellement

Comme beaucoup d'autres, et ça m'a rendu frère avec tant de mes semblables, Henri a été pour moi un père spirituel.

Il était attaché à la pauvreté évangélique, homme dépouillé des biens matériels, libre.

Il a aimé, beaucoup aimé. Il est parti au soir d'une existence, rassasié de vie. Il a eu une histoire lumineuse. Il a semé partout des graines qui vont éclore. Il nous laisse un héritage fabuleux. Nous sommes remplis de sa force

Nous l'avons reconnu : il est vivant.

Claude Billot- Paris le 1^{er} décembre 2017

A morte de Henri nos toca. É assinatura na espessura de uma vida.

Vim a conhecer Henri em 1973. Ele na época trabalhava na Direção de Serviços Sociais (DDASS) de Annecy, onde era encarregado de levantar as infrações à legislação sobre o alojamento de migrantes.

Foi Jean Raguénès, padre-operário na fábrica Lip e grande amigo do Henri que me tinha recomendado a ele. Vários membros da milha família estavam envolvidos no conflito Lip.

Ao chegar na DDASS de Annecy, assim que pronunciei o nome de Jean, o rosto de Henri se iluminou e, numa postura dele bem costumeira, levantou os braços em sinal de acolhida. Eu era adotado. A convite dele – premente convite: o Henri sabia ser premente – ingressei no Comitê Verdade-Justiça (CVJ) de Annecy, como que aspirado, atraído pelo imã do magnetismo e do carisma dele. O CVJ havia sido criado uns 6 meses antes para denunciar a morte escandalosa de um *clochard*, deportado pela polícia e abandonado no alto da montanha, na neve, onde foi encontrada morte. De frio.

Rapidamente senti uma enorme simpatia para com este homem que parecia possuir todos os talentos. Pessoa sempre e naturalmente muito à vontade, *bon vivant*, não havia, mesmo assim, nenhuma futilidade na sua vida. Ele ia direto ao essencial: banalidade não existia na sua fala. Henri era sempre extremamente informado. Suas preocupações sempre se relacionavam com a injustiça. “Eu não aguento a injustiça”, repetia ele constantemente.

Henri morava numa quitinete de conforto esparciata, sem comodidade alguma. A exiguidade do alojamento não o impedia de hospedar vez ou outra um *clochard* lascivo e alcoólatra, Loulou, testemunha principal no caso dos Clochards de Annecy. Henri admirava a liberdade deste homem tão simpático. Eu era impressionado pela hospitalidade de Henri que aguentava tranquilamente o odor de suor, de rua, de sofrimento e de miséria de Loulou. Ele mais ria das ‘torpezas’ do seu amigo que costumava roubar nas bancas. Um dia Loulou pôs fogo nas cortinas de Henri.

Henri se importava com o trato da sociedade para com os excluídos, os mais frágeis entre nós: migrantes, ciganos, gente da viagem, marginais de todo tipo... Numa carta de 1972 dirigida aos seus pais, ele escreve:

“Já fui por duas vezes furtado por vizinhos marginais que são também meus amigos. Nada grave. E de qualquer maneira como eles têm quase nada para viver acaba não sendo roubo, mas algo como um restabelecimento de justiça”.

Força serena, de uma intransigência tranquila, ele era implacável com a imperícia e qualquer maldade.

Trabalhador incansável, ele me ensinou a verificar tudo, a não afirmar nada que não seja devidamente checado, que a Verdade é também um alicerço sobre o qual se apegar. Henri não deixava passar nada. Nada!

Com tenacidade implacável, ele tinha uma fé de levantar montanhas. E às vezes, confrontado a causas que pareciam desesperadas, realmente as levantava.

Assim como aconteceu com vários outros – e isso me tornou irmão para com tantos outros meus semelhantes, Henri foi para mim um pai espiritual.

Ele era adepto da pobreza evangélica. Homem despojado dos bens materiais, livre.

Ele amou, amou muito. Ele se foi ao crepúsculo de uma existência, repleto de vida. Teve uma história luminosa. Semeou por toda parte sementes que irão eclodir. Deixa para nós uma herança fabulosa. Estamos cheios de sua força.

O reconhecemos: ele é vivo.

Claude Billot, 1º de dezembro de 2017.

